

---

## **A MATEMÁTICA COMO INSTRUMENTO NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA PARA ALUNOS DO ENSINO FUDAMENTAL II**

### *MATHEMATICS AS AN INSTRUMENT IN THE EDUCATION OF FINANCIAL EDUCATION FOR STUDENTS OF FUDAMENTAL EDUCATION II*

Washington Luiz Bonfim <sup>1</sup>

---

#### **RESUMO**

O consumismo exacerbado e a falta de planejamento financeiro tornaram-se comuns na realidade de uma grande parcela da população brasileira. Com o advento da globalização, a popularização do crédito às classes sociais menos abastadas aos bens de consumo e uma estabilidade inflacionária, criou-se a possibilidade de o cidadão ter acesso à obtenção de créditos com mais facilidade que outrora o teriam. Esta facilidade gerou um ciclo consumista, podendo proporcionar às pessoas sem preparo, experiências muito desagradáveis no campo das finanças pessoais, levando-as, conseqüentemente, ao estresse, às brigas familiares e até doenças ligadas a fatores emocionais. O objetivo deste estudo é propor, aos professores de Matemática, sugestões e instrumentos para se desenvolver, paralelamente ao conteúdo, a Educação Financeira no ambiente escolar com as turmas de Ensino Fundamental II. Tratando-se do incentivo a uma cultura poupadora e investidora, contrapondo-se ao consumismo desenfreado. São abordadas sugestões para o desenvolvimento da educação financeira em sala de aula e fora dela, com os pais de alunos, ou membros da comunidade.

**Palavras-chave:** Educação Financeira. Dinheiro e Consumo. Ensino Fundamental II.

---

#### **ABSTRACT**

Exacerbated consumerism and the lack of financial planning have become common in reality for a large portion of the Brazilian population. With the advent of globalization, the popularization of credit to social classes less affluent to consumer goods and an inflationary stability, the possibility was created for citizens to have access to obtain credits more easily than they once would have. This facility generated a consumerist cycle, which could provide people with unprepared, very unpleasant experiences in the field of personal finance, leading them, consequently, to stress, family fights and even illnesses linked to emotional factors. The objective of this study is to propose, to the Mathematics teachers, suggestions and instruments to develop, in parallel with the content, Financial Education in the school environment with the classes of Elementary

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciência da Educação – Universidad Politécnica y Artística del Paraguay – UPAP/PY .

School II. In terms of encouraging a saving and investing culture, in contrast to unbridled consumerism. Suggestions are made for the development of financial education in the classroom and outside it, with the parents of students, or members of the community.

**Keywords:** Financial Education. Money and Consumption. Elementary School II.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Observando o cenário econômico nacional ao qual estamos vivenciando, percebemos que nos últimos anos houve uma facilidade muito grande na aquisição de bens pessoais por boa parte da sociedade. Se por um lado, o aumento nas possibilidades de financiamento para a compra de produtos em geral possibilitou o acesso da população a esses bens, por outro contribuiu para o aumento no número de pessoas endividadas em todo o país, de acordo com dados do SPC são 58,3 milhões de inadimplentes no Brasil. Dessa forma, ao invés de trabalhar para que se possam garantir melhores condições de vida no futuro, grande parte dessas pessoas está tendo sérias dificuldades para sanar as dívidas e sair da inadimplência.

Essa situação motivou a tentar compreender melhor como a escola, em particular o ensino de Matemática, poderia contribuir na formação dos alunos sobre aspectos relacionados à Educação Financeira. Isto é, como essa área do conhecimento, intimamente relacionada com a Matemática, pode auxiliar o aluno a lidar melhor com as questões financeiras, administrando corretamente suas finanças com objetivo de ter uma vida melhor com mais conforto e qualidade. Seja como, entretanto, nosso olhar se voltou para a Educação Financeira infantil, ou se pode incentivar as crianças a ter essa consciência desde cedo?

É necessário trabalhar desde a infância o processo e a importância da Educação Financeira. É fundamental que as crianças aprendam a lidar com o dinheiro desde pequenas para que na fase adulta, saibam lidar com suas finanças pessoais. Assim, teremos Possivelmente, uma sociedade que saberá lidar conscientemente com situações corriqueiras que envolvam o setor financeiro. “A chamada cidadania financeira, que é entendida como o exercício

pleno dos direitos e pelo cumprimento dos deveres dos cidadãos sobre suas finanças, ainda é incipiente no Brasil e no mundo" (BACEN, 2012b, p. 4).

Mesmo com poucos estudos acerca do conteúdo proposto, é possível perceber atualmente o considerável avanço que vem acontecendo em relação à Educação Financeira, uma vez que é um assunto que atinge consequentemente toda a sociedade independentemente de classes e faixa etária.

Segundo Peretti, (2018, p. 33), no Brasil, falar sobre Educação Financeira, não faz parte do universo familiar e nem do ambiente escolar. Esse assunto é desprezado como se não houvesse a necessidade de se falar, é algo difícil de entender, pois se o aluno é alfabetizado financeiramente para ser bem sucedido, nesse mundo que vivemos e na situação atual que nos encontramos, seria o início de uma consciência econômica para os jovens.

A pesquisa procura estudar de que maneira a matemática através da aplicação de técnicas de abordagem pode refletir ou contribuir no ensino de Educação Financeira, nos anos finais do Ensino Fundamental, formando cidadãos informados do controle e do bom senso.

Considerando o que foi discutido até aqui, este estudo tem como questão norteadora sobre o papel do ensino de Matemática para Educação Financeira nos anos finais do Ensino Fundamental.

Para tal, discute-se a importância da Educação Financeira no contexto atual, sua evolução histórica, os principais conceitos associados aos estudos nessa área, tais como o conceito de Alfabetização Financeira, a Educação Financeira Infantil e sua relação com a Matemática.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia deste estudo perpassa pela análise de revisão de literatura em livros e revistas científicas, sites como BIREME, LILACS, SCiELO e Google Acadêmico. Foram selecionados artigos nas línguas portuguesa e espanhola; publicados entre 2015 a 2019. As palavras chaves utilizadas foram Educação Financeira. Dinheiro e Consumo. Ensino Fundamental II.

Nessa pesquisa bibliográfica, 15 artigos foram selecionados como base para leitura e estudo e, destes, 10 artigos foram incluídos nesse trabalho.

### 3 REVISÃO DE LITERATURA

Atualmente professores buscam dar sentido ao que ensinam. Da mesma forma alunos caminham questionando para que aprenderem isto ou aquilo. Há a sensação de que os elementos envolvidos diretamente no processo ensino-aprendizagem caminham ao encontro de novas possibilidades de aprendizagens mais significativas, prazerosas e ativas pelo envolvimento de tecnologias informacionais e uso de outras mídias.

[...] propõe-se que o currículo da Educação Básica ofereça, ao estudante, a formação da realidade social, econômica e política de seu tempo. Esta ambição remete às reflexões de Gramsci em sua defesa de uma educação na qual o espaço de conhecimento, na escola, deveria equivaler à ideia de atelier-biblioteca-oficina, em favor de uma formação, a um só tempo de forma humanística e tecnológica (PARANA, 2018, p. 20).

Nossos jovens vivem num cenário aparentemente sem grandes variações de preço na maioria dos produtos consumidos pela família. Também se percebe que nas escolas brasileiras há poucas discussões à cerca de questões de consumo, gastos, endividamento familiar e consumo responsável e planejado. Poucas crianças têm como hábito guardar dinheiro, comparar preços ou escolher produtos mais baratos.

Conforme aponta Andrade, (2017, p. 88), nossa juventude desconhece a desvalorização continuada e generalizada do dinheiro, também chamada inflação. Salientar a participação da Educação Matemática promovendo a cidadania a partir de questões da realidade social dos alunos reforça o papel fundamental da escola nesta tarefa de multiplicar em vários os instrumentais de exercício pleno da cidadania por meio de conceitos contidos na Economia e Estatística, particularmente voltados para uma educação econômica.

Torna-se, ainda importante salientar que A Educação Econômica se constitui por ações educativas que têm por objetivos o fornecimento de noções básicas sobre economia e relações consumo.

Neste bojo educativo há a necessidade de se proporcionar estratégias que auxiliem na condução de situações cotidianas referentes as decisões de consumo frente a escassez de recursos.

É importante ressaltar que a Educação Econômica é uma nova área curricular surgida após investigações da Psicologia Econômica, cujo foco é

questões financeiras e de relações de consumo, buscando favorecer o desenvolvimento de novos comportamentos para auxiliar as pessoas a enfrentarem os desafios econômicos de decisões de consumo cotidiano e viver com qualidade sustentável hoje e amanhã.

---

## **A IMPORTÂNCIA EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO COTIDIANO DO ALUNO**

Segundo Cury (2018, p. 57), psiquiatra e autor do livro: Pais Brilhantes, Professores fascinantes, a aprendizagem se dá também pela emoção, sendo o aluno o centro de um debate. Para tanto, cresce em importância, se trabalhar com exemplos do cotidiano dos alunos, para que eles se identifiquem com o assunto e interajam com o professor.

De acordo com Machado (2018, p. 102),

[...] Acredito que a matemática deveria ser utilizada como uma disciplina mais diretamente relacionada ao mundo no qual vivemos. Sua associação com os conceitos da educação financeira, adequados para crianças de diferentes faixas etárias, poderia facilitar muito esse trabalho. Para tanto poderiam ser feitos projetos através dos quais se simulassem ou se dramatizassem situações do cotidiano e ainda, em que se fizessem visitas a estabelecimentos comerciais com o intuito de educar as crianças para o consumo consciente e o equilíbrio das finanças.

Apontamentos comprovam que a Matemática Financeira tem sua importância registrada desde o aparecimento das primeiras civilizações. Ela era utilizada em cobranças de empréstimos realizados. Em períodos remotos os juros eram pagos por meio de sementes, grãos ou outros tipos de bens.

Fatos históricos apontam que, na Babilônia, os comerciantes emprestavam sementes aos agricultores, e estes, quando colhiam a plantação, pagavam as sementes emprestadas anteriormente e mais uma determinada parte da colheita. Dessa forma, foi possível ao homem notar uma possível relação entre o tempo e o dinheiro, e perceber que o dinheiro perdia valor de acordo com o tempo.

Sendo assim, a correção monetária deveria ser feita aumentando o poder de compra do capital. A partir da acumulação de capital, deu-se início às práticas financeiras, os quais eram utilizados como formas econômicas de movimentação dos capitais e foram adaptadas de acordo com a evolução das sociedades. Posteriormente, com o surgimento do dinheiro passaram a existir

os empréstimos, que eram quitados acrescidos os juros e na organização de ordens de pagamentos para particulares. Dessa forma, geravam-se lucros e comissões pelos empréstimos.

Partindo-se dessas informações pode-se perceber o quanto a Matemática Financeira é antiga, pois já era utilizada desde os primórdios. Sendo assim, por que em muitas escolas e salas de aula ainda não a vemos presente?

A Escola de hoje pretende formar cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres perante a sociedade, percebendo-se neste contexto o quão os conhecimentos adquiridos por meio da Matemática Financeira são fundamentais para essa formação.

Para tanto, acredita-se que esses conteúdos devem ser abordados desde o Ensino Fundamental, pois desta forma o educando irá construindo seus conhecimentos ao longo do tempo de acordo com suas necessidades e capacidades. Essa iniciação deve ser estabelecida de forma adequada, de acordo com o nível de abstração e a faixa etária dos alunos.

É importante destacar que essas informações devem ser exploradas a partir A grande facilidade para que o consumidor adquira os mais diversos produtos fez com que houvesse um desenfreado endividamento. Dessa forma, aos poucos as pessoas não encontravam meios para conter tal situação, uma vez que a administração ineficiente do dinheiro deixa os consumidores vulneráveis a crises financeiras mais graves. Esse problema vem se intensificando cada vez mais. Com isso, as primeiras discussões sobre Educação Financeira consciente.

O termo Educação Financeira de acordo com Beverly e Burkhalter (2016, p.121) "refere-se ao conhecimento e habilidades dos indivíduos relacionados ao gerenciamento do dinheiro". A Educação Financeira sobreveio para auxiliar e solucionar problemas financeiros das pessoas.

Em Jacob et al (2018, p.8), o termo financeira "aplica-se a uma vasta escala de atividades relacionadas ao dinheiro nas nossas vidas diárias, desde o controle do cheque até o gerenciamento de um cartão de crédito, desde a preparação de um orçamento mensal até a tomada de um empréstimo, compra de um seguro, ou um investimento. Enquanto, educação "implica o conhecimento de termos, práticas, direitos, normas sociais, e atitudes

necessárias ao entendimento e funcionamento destas tarefas financeiras vitais. “Isto também inclui o fato de ser capaz de ler e financeiras sábias”.

A educação faz parte da nossa vida desde o momento em que nascemos, é através dela que aprendemos as normas para que possamos agir e conviver bem em sociedade.

Quando se fala em "financeira" nos remetemos logo no pensamento referente ao dinheiro, que ele também faz parte desde o início da nossa vida e que é necessário que saibamos conviver com de maneira estável Fazendo a junção desses dois termos Educação e Financeira, podemos ter diferentes concepções. O entendimento do que vem a ser Educação Financeira foi expresso nos seguintes termos pela OCDE:

Educação Financeira e o processo pelo qual os consumidores financeiros investidores melhoram a sua compreensão sobre os conceitos e produtos financeiros e através de informação instrução c/ou aconselhamento objetivos, desenvolvam as habilidades e a confiança para tomar consciência de riscos e oportunidades financeiras, para fazer escolhas informadas, saber onde buscar ajuda e tomar outras medidas para melhorar o seu bem-estar financeiro 2015, p. 14)

Nesse contexto a Educação Financeira tem como fundamento,

[...] proporcionar uma mentalidade inteligente e saudável sobre dinheiro. É criar consciência dos limites. É saber ganhar, gastar, poupar, investir e doar dinheiro. É a capacidade de administrar o seu rico dinheiro. É fazer tudo o que se deseja com responsabilidade, ética e maturidade (PERETTI, 2018, p.17).

Pode-se, assim, ter uma definição mais simples e que possa ser interpretada de maneira mais convincente no que convém a ser Educação Financeira.

A partir do século XIX, com o desenvolvimento da economia capitalista, foram verificadas mudanças no cenário como um todo, já que as pessoas precisam aprender a lidar com a concentração de dinheiro e poder nas mãos de uma minoria, além de passarem por mudanças nos paradigmas, já que na nova perspectiva as pessoas passaram a ser comparadas com base naquilo que podiam adquirir e, conseqüentemente, exibiam seus bens ao resto da sociedade (D'AQUINO, 2018, p. 15).

Apenas nos últimos anos que a Educação Financeira (EF) e as discussões que envolvem essa temática ganharam relevância no cenário educacional. Vários órgãos da sociedade investem no tema mesmo que de maneiras diversas.

No Brasil a história da Educação Financeira teve um início voltado para aqueles bem favorecidos onde trazia dicas de investimentos ensinando como multiplicar seus recursos. Só recentemente veio a se tornar um método no qual os cidadãos, independentemente da sua classe, busquem prosperidade financeira, ou seja, esse sistema em nosso país já surgiu de maneira oposta. Inicialmente o foco desse trabalho não era mostrar o caminho que resultasse em uma poupança (atualmente poupar é um dos principais focos da EF, já que devido aos altos índices de inflação o brasileiro não conseguia planejar sua vida financeira, uma vez que havia grande oscilação nos produtos).

A estabilidade econômica do país só foi resolvida em 1994 com a chegada do Plano Real.

Foi a partir da década de 1990, portanto, que os indivíduos e suas famílias passaram a exigir mais informações e conhecimento objetivando tomadas de decisões mais conscientes quando se fala em planejamento financeiro. Após esse período, houve uma evolução e facilitação quanto ao uso de créditos na vida dos brasileiros, surgindo um leque de opções de produtos à disposição do cidadão, ao mesmo tempo surge à necessidade de agir com maior responsabilidade nas escolhas a serem realizadas.

Educação Financeira sempre foi importante aos consumidores, para auxiliá-los a orçar e gerir a sua renda, a poupar e investir, e a evitar que se tornem vítimas de fraudes. No entanto, sua crescente relevância nos últimos anos vem ocorrendo em decorrência do desenvolvimento dos mercados financeiros, e das mudanças demográficas, econômicas e políticas, (OCDE, 2017, p.223)

Manifesta-se assim uma necessidade de multiplicação de informações confiáveis sobre finanças pessoais, alertando para alternativas de investimento e possibilitando-nos melhor gestão dos recursos disponíveis, gerando um aumento na importância das discussões em torno da Educação Financeira. Ressaltamos ainda, a importância dessas discussões se darem desde a



infância, com a família, e posteriormente, no ambiente escolar, já nos primeiros anos de escolarização das crianças.

## **LETRAMENTO EM MATEMÁTICA FINANCEIRA**

Conceitos, conhecimentos, competências e habilidades econômicas são necessários para as atividades econômicas mais triviais empreendidas recorrentemente pelos agentes que interagem em economias de mercado. Compreender, em alguma medida, os fundamentos econômicos, sociais, legais e mesmo linguísticos subjacentes às práticas econômicas cotidianas é condição para a interação e para a socialização econômica da população.

A familiaridade com noções como propriedade, valor, preço e juros, por exemplo, e a capacidade de leitura e interpretação de documentos financeiros são exemplos de elementos que fazem parte da educação financeira da população, seja de forma institucionalizada, em ambientes de ensino como a escola, seja informalmente, mediante processos sociais e familiares de introdução à lógica econômico-financeira.

Dentre as múltiplas formas de manifestação da matemática na atividade humana, talvez a mais recorrente seja a atividade econômica. É nela que as operações matemáticas encontram amplo espaço de aplicação, sendo imprescindíveis à prática de trocas mercantis. Talvez por isso os problemas de caráter financeiro e econômico protagonizem, em muitos livros, a contextualização textual dos problemas matemáticos numa função semiótica. De simples transação de compra e venda em um supermercado a complexas análises do comportamento de ativos financeiros, a matemática opera como instrumento indispensável à ação econômica.

Ainda que para as transações mais frequentes a matemática elementar seja suficiente, seu uso cotidiano para a tomada de decisão econômica – a exemplo das compras a prazo – é ainda bastante limitado, fazendo-se acompanhar, muitas vezes, de endividamento. Daí a importância da conciliação entre a EM e a EF, sobretudo no esforço de (a) promover a aplicabilidade do conhecimento matemático escolar, garantindo-lhe a relevância, e (b) conferir significados econômicos aos problemas matemáticos e vice-versa, explorando bidireccionalmente a importância do contexto na construção de sentido e na solução de problemas.

Nos últimos anos, os organismos internacionais têm reconhecido a importância da educação financeira como mecanismo de inclusão social. A consolidação desse tema emerge com a preocupação pública e privada diante de estatísticas preocupantes acerca das competências econômicas e do letramento financeiro da população de diversos países, sobretudo os em desenvolvimento.

Dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, realizada em julho de 2010 pelo Serasa (2010), apontam que 60% dos jovens paulistas entre 18 e 34 anos são consumidores inadimplentes, o que pode ser considerado indício do baixo nível de letramento financeiro. Tendo em vista problemas sociais e econômicos decorrentes da gestão inadequada das finanças pessoais, seja em termos de inadimplência, de insuficiência de recursos para aposentadoria ou de fundos de reserva para condições de desemprego, por exemplo, a educação financeira emerge como alternativa de política pública para incrementar o letramento financeiro da população vulnerável, minimizando, em alguma medida, o risco a que esta está exposta.

A percepção sobre a importância e complexidade do processo de tomada de decisão em SEF se amplia quando pensamos nas consequências das nossas escolhas ao longo da vida, com impactos de curto, médio e muitas vezes de longo prazo. Tal importância talvez explique porque o tópico da tomada de decisão seja partilhado por tantas e diferentes áreas, dentre elas a Matemática, a Estatística, a Economia, a Ciência Política, a Sociologia e a Psicologia, conforme aponta Kahneman (2016, P. 52).

O consumismo é a mola propulsora do capitalismo: A sociedade de consumo. Até aí tudo bem. O problema é quando vemos famílias se afundando em dívidas, que crescem como bola de neve descendo a ladeira; jovens sendo ensinados que uma pessoa vale pelo que ela pode comprar e não pelo que ela é: evidenciava-se isso (FILHO, 2018, p. 87).

As pessoas são mais valorizadas pelo que tem do que pelo que são. Temos um problema, pois isso constitui uma inversão de valores, ou seja, um problema ético. Contemporaneamente ao consumismo institucionalizado temos o analfabetismo financeiro que combinam como uma “mão na luva”.

O “analfabetismo financeiro” segundo Theodoro, (2018, p. 47), é uma variante do analfabetismo funcional, caracterizado pela falta de capacidade de

tomar decisões financeiras de forma racional. O “analfabeto financeiro” não consegue decidir racionalmente (MORGADO, 2015, p. 61) sobre uma compra à vista ou uma parcelada; não sabe avaliar promoções e por isso se torna um cidadão despreparado e propício a adquirir dívidas e prestações.

O percentual de famílias endividadas subiu em abril pelo terceiro mês seguido, segundo o Conselho Nacional de Comércio (CNC). No mês o total de famílias endividadas chegou a 61,6% , ou seja, seis em cada dez famílias têm algum tipo de dívida entre cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, prestação de carro e seguros. O cartão de crédito é o vilão por se tratar da principal dívida para 75% das famílias. Com a conquista da estabilidade econômica a alguns anos ocorreu uma despreocupação das famílias com as taxas de juros.

A matemática financeira está presente em muitas situações do nosso dia a dia. Muitas delas não são devidamente estudadas e explicadas para os alunos, pois ficam longe dos conteúdos das salas de aula convencionais. Dessa forma ao saírem das escolas após a conclusão dos estudos não é incomum estas pessoas não saberem decidir racionalmente sobre uma compra a vista ou parcelada. Da mesma forma grande parte da sociedade não sabe identificar os elementos principais de uma simples nota fiscal, ou boleto de pagamento de cartão de crédito.

Nessa concepção é função da escola e conseqüentemente do professor de matemática é preparar o aluno para vida em primeiro lugar. É claro que uma função da escola é preparar para continuidade dos estudos, mas essa função da escola não pode anular a primeira, pois estudos mostram que esse tem sido exatamente o motivo do distanciamento dos alunos e do ensino.

---

## **CONCLUSÃO**

O presente estudo procurou promover uma reflexão acerca dos potenciais interfaces didáticas e conceituais entre Educação Matemática, contexto e Educação Financeira, à luz das discussões acerca da resolução de problemas matemáticos dentro e fora do ambiente escolar.

Para tanto, partiu-se da caracterização da relação entre a matemática do cotidiano e a matemática escolar, explorou-se a dicotomia aprendizagem escolar e extraescolar, avaliou-se a relação entre contexto, conceitos e solução de problemas matemáticos e passou-se à caracterização de um desdobramento recente da Educação Matemática e Educação Financeira.

Diante do exposto, depreende-se que uma das possíveis formas de promover a (re)conciliação entre escola e cotidiano no âmbito da Educação Matemática poderia incluir o estreitamento e o aprimoramento de sua relação com a Educação Financeira, uma estratégia particularmente relevante no desenvolvimento de competências matemáticas aplicadas às práticas corriqueiras dos alunos, as de natureza financeira e econômica.

Em sociedades como a brasileira, nas quais o preço chancela grande parte das relações de troca e o mercado configura impessoalmente as relações sociais, surpreende que prevaleça a ausência de mecanismos formais de ensino de noções financeiras elementares. Trata-se de uma negligência que pode comprometer o desenvolvimento da socialização numa das dimensões mais salientes da experiência humana: a economia enquanto prática. Num país em que cada vez mais crianças são expostas precocemente ao contato com o universo econômico, atuando como consumidoras de produtos e serviços das mais variadas espécies, são imprescindíveis a formação e a consolidação de estratégias educacionais promotoras de uma socialização econômica orientada pela integração entre Educação Matemática e Educação Financeira.

O desenvolvimento constante da Educação Matemática – enquanto ciência e enquanto prática – mediante o estreitamento das relações entre escola e cotidiano, entre pragmático e epistemológico, é condição básica para a garantia de sua pertinência social e para a potencialização de seu papel transformador da realidade.

Na medida em que a Educação Matemática e Educação Financeira são capazes de transformar a relação entre o sujeito e as ferramentas metrológicas de que dispõe para adaptar-se ao seu meio; e entre escola e cotidiano, elas podem limitar ou potencializar a construção de novos instrumentos, métodos e estratégias de quantificação, mensuração e formalização, bem como o aprimoramento dos já institucionalizados.

Seja pela inclusão social de um indivíduo através da numeralização, seja pela socialização econômica, são incontáveis os resultados sinérgicos que podem decorrer do estreitamento didático das relações entre Educação Matemática e Educação Financeira.

Para tanto, seria interessante que noções econômicas passassem a figurar não apenas como coadjuvantes no enunciado de problemas em sala de aula, como semirrealidade, mas que fossem tomadas como realidade e como objetos de conhecimento em sua riqueza epistemológica, multiplicidade pragmática e complexidade semiológica.

---

## REFERENCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Corpo, posfácio: Maria Esther Maciel -2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BEVERLY, S. G.; BURKHALTER, E. K. Improving the financial literacy and practices of youths. In: Children & Schools, v. 27, n. 2. 2016.

BRASIL, Banco Central. Orçamento pessoal ou familiar. Disponível em: <https://cidadaniafinanceira.bcb.gov.br/>. Acesso em: 20 de março de 2020.

CURY, Augusto. Pais Brilhantes Professores Fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 6 ed., 2018.

D'AQUINO, Cássia. Dinheiro compra tudo? Educação financeira para crianças/. Ed.- São Paulo: Moderna, 2018.

FILHO, José. Finanças Pessoais: Invista no seu futuro. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2018.

JACOB, Katy et al. Tools for survival: An analysis of financial literacy programs fo lowerincome families. Chicago: Woodstok Institute, Jan/2018.

MACHADO, Washington Franco; GOMES, José Maria. Matemática Financeira. São Paulo: Editora Atlas, 8a ed, 2018.

MORGADO, A.G. Impacto dos diferentes níveis de materialismo na atitude ao endividamento e no nível de dívida para financiamento do consumo nas famílias de baixa renda. Dissertação de Mestrado. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas: São Paulo, 2015.

OCDE – Organisation de Coopération et de Developpement Économiques. Projet d'éducation financière de l' OCDE: contexte et mise en

application. 2009. Disponível em: <http://www.oecd.org/fr/daf/fin/education-financiere/projetdeducationfinancieredelo>. Acesso em: 20 de março de 2020.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná – Matemática. Curitiba: SEED, 2018.

PERETTI, Luiz Carlos. Educação Financeira: aprenda a cuidar do seu dinheiro. Impressul. 2018